



# PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS UTILIZADOS NO PROJETO ICOLMA SOBRE O IMPACTO DA PANDEMIA NA MOBILIDADE E MODOS DE VIDA DA CIDADE DE SÃO PAULO: UMA PERSPECTIVA FEMINISTA DE PESQUISA (SESSÃO TEMÁTICA 11)

**Letícia Ueda Vella**

Universidade Federal do ABC | leticia.vella@ufabc.edu.br

**Sandra Momm**

Universidade Federal do ABC | sandra.momm@ufabc.edu.br

**Aline Bezerra Silva**

Universidade Federal do ABC | a.bezerra@ufabc.edu.br

**Lyvia Nascimento Cirqueira Fischer**

Universidade Federal do ABC | lyvia.nascimento@ufabc.edu.br

**Gabriel Machado Araujo**

Universidade Federal do ABC | g.machado@ufabc.edu.br

---

## Sessão Temática 11: Espaços e diferenças: raça, etnia e diversidade

---

**Resumo:** O projeto ICOLMA é uma parceria entre a Universidade Federal do ABC, no Brasil, a Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul, e a Universidade Técnica de Dortmund, na Alemanha, e visa compreender o impacto da pandemia de COVID-19 em grupos vulneráveis. No Brasil, a pesquisa foi aplicada na cidade de São Paulo e teve como público-alvo mulheres cis ou trans. Este artigo detalha a metodologia da pesquisa, justificando a escolha pela aplicação de uma metodologia feminista, o que impactou a seleção das pesquisadoras, a forma de aproximação e a relação com as entrevistadas. Para a articulação com o público-alvo, foi estabelecida uma parceria com as Promotoras Legais Populares (PLPs), uma organização feminista, e foram desenvolvidas as seguintes estratégias: uso de redes de contato nos territórios, aproximação com equipamentos sociais e com o movimento de moradia, liderado por mulheres. Essas estratégias fazem parte da prática de pesquisa feminista e pesquisa-ação (Biber, 2013; Ravazi et al., 2023) e resultaram em 115 entrevistas. Ao final, trazemos conclusões sobre o impacto da pandemia na vida das mulheres, formuladas a partir de um grupo focal com entrevistadoras.

**Palavras-chave:** pandemia, Covid-19, gênero, mulheres, modos de vida.

# STRATEGIES USED IN THE ICOLMA PROJECT ON THE IMPACT OF THE PANDEMIC ON MOBILITY AND LIVELIHOODS IN THE CITY OF SÃO PAULO: A FEMINIST RESEARCH PERSPECTIVE

**Abstract:** *The ICOLMA project is a partnership between the Federal University of ABC in Brazil, the University of Cape Town in South Africa, and the Technical University of Dortmund in Germany. It aims to understand the impact of the COVID-19 pandemic on vulnerable groups. In Brazil, the research was conducted in São Paulo and targeted women cisgender and transgender. This article details the research methodology, the choice of a feminist methodology, which influenced the selection of researchers, the approach to the participants, and the relationship with the interviewees. To connect with the target audience, a partnership was established with the Promotoras Legais Populares (PLPs), a feminist organization, and the following strategies were developed: leveraging contact networks in local territories, engaging with social facilities, and collaborating with the housing movement led by women. These strategies are part of feminist research (Biber, 2013; Ravazi et al., 2023) and resulted in 115 interviews. Finally, we present conclusions about the pandemic's impact on women's lives, formulated through a focus group with the interviewees.*

**Keywords:** *pandemic, COVID-19, gender, women, livelihoods.*

---

## ESTRATEGIAS UTILIZADAS EN EL PROYECTO ICOLMA SOBRE EL IMPACTO DE LA PANDEMIA EN LA MOVILIDAD Y MODOS DE VIDA EN LA CIUDAD DE SÃO PAULO: UNA PERSPECTIVA FEMINISTA DE INVESTIGACIÓN

**Resumen:** *El proyecto ICOLMA es una colaboración entre la Universidad Federal del ABC en Brasil; la Universidad de Ciudad del Cabo en Sudáfrica; y la Universidad Técnica de Dortmund, en Alemania, con el objetivo de comprender el impacto de la pandemia de COVID-19 en grupos vulnerables. En Brasil, la investigación se llevó a cabo en São Paulo y estuvo dirigida a mujeres cis o trans. Este artículo detalla la metodología de la investigación, la elección de una metodología feminista, la cual influyó en la selección de las investigadoras y la relación con las entrevistadas. Para la realización de las entrevistas, se estableció una colaboración con las Promotoras Legales Populares (PLPs), una organización feminista, y se desarrollaron las siguientes estrategias: uso de redes de contacto en los territorios, acercamiento a equipos sociales y al movimiento de vivienda. Estas estrategias forman parte de la práctica de la investigación feminista y la investigación-acción (Biber, 2013; Ravazi et al., 2023), lo que resultó en 115 entrevistas. Finalmente, presentamos conclusiones sobre el impacto de la pandemia en la vida de las mujeres, formuladas a partir de un grupo focal.*

**Palabras clave:** *pandemia, COVID-19, género, mujeres, modos de vida.*

## INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 foi um dos maiores eventos globais neste século, junto com a crise econômica de 2008, o conjunto dos eventos extremos, inaugurado pelo furacão Katrina em 2005 e guerras como vivenciamos no leste europeu e também no Oriente Médio. Sobre a pandemia, ainda estamos em um momento de produção de conhecimento, dada a proximidade do evento iniciado em 2020, mas ao mesmo tempo com uma certa distância, pois desde lá pesquisas foram publicadas e as pessoas e organizações, de certa forma, estão colocando já no esquecimento a situação única que vivemos.

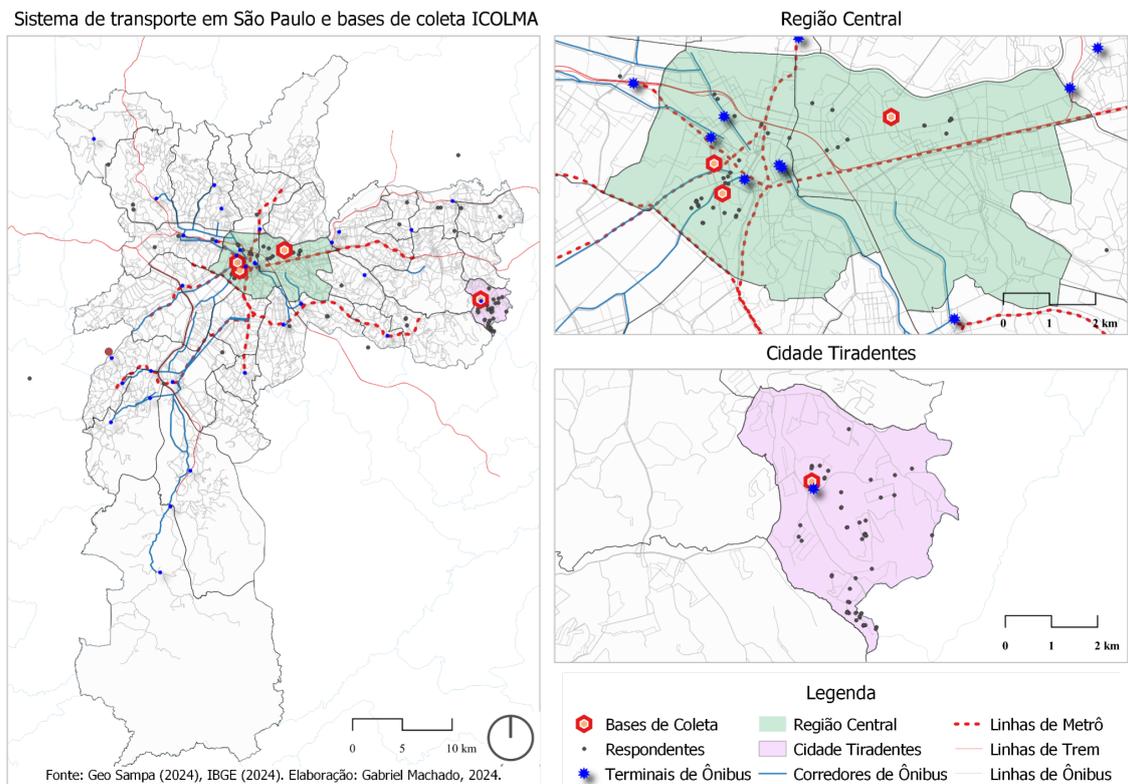
Este artigo trata de atividades e resultados do projeto de pesquisa “Impacto do COVID 19 nos modos de vida, mobilidade e acessibilidade de grupos marginalizados (ICOLMA)”, desenvolvido pela UFABC em parceria com a Universidade Técnica de Dortmund, na Alemanha, e com a Universidade de Cape Town, na África do Sul<sup>1</sup>. Trata-se de um projeto interdisciplinar de base comparativa e transatlântica na Região do Ruhr (Alemanha), na cidade de Cape Town (África do Sul) e na cidade de São Paulo (Brasil), por meio de uma abordagem de métodos mistos (Rakodi, Lloyd-Jones, 2002; Robinson, 2016), incluindo a realização de entrevistas semi-estruturadas. Em São Paulo, a pesquisa faz um recorte específico sobre a questão de gênero e discute especialmente os problemas de mobilidade enfrentados pelas mulheres (cis e trans), chefes de domicílio ou que possuem algum tipo de renda.

Para o projeto a mobilidade é mais do que movimento. Ela compõe a vida das pessoas em sociedade, a sustenta nas cidades ao permitir acesso a vários serviços e oportunidades sociais e econômicas. A pandemia de COVID-19 mostrou a grande dependência da mobilidade para o acessar locais importantes para a vida, expondo desigualdades referentes à questão de gênero nesse processo (Ali, Connolly, Keil, 2022).

No projeto ICOLMA, nas três cidades-regiões, foram selecionadas duas áreas - uma altamente conectada aos sistemas e meios de transporte e outra medianamente. A primeira se refere a um território que é servido por serviços de transporte público, multimodal, como trem, metrô, ônibus e seus equipamentos como terminais, estações etc. Outro fator que define a conexão é a frequência desses serviços, como as linhas de ônibus. Considerando esses fatores, no caso de São Paulo, a região central se enquadra no critério de alta conectividade. Sobre a segunda área de estudo, se entendeu que uma área com baixa conectividade não traria resultados expressivos sobre o impacto da COVID, visto que, especialmente, a interrupção no sistema de transporte público não afetaria tanto a mobilidade, acessibilidade e os modos de vida, pois estes já não estão disponíveis na vida cotidiana. Assim, a escolha de uma área medianamente conectada, ou seja, que dispõe de infraestrutura e serviços de transporte público, mas não de modo suficiente para atender a demanda, foi a Zona Leste. Essa decisão levou em conta a distância em relação à região central, o que agrava a situação. O tempo de deslocamento é um problema, especialmente pela ausência de sistemas de alta velocidade e capacidade, como metrô, e pela falta de frequência adequada nos serviços. Além disso, essa área abriga um contingente populacional caracterizado por

uma população trabalhadora, com menor renda, que realiza o trajeto diário de forma pendular. Na figura 1 é possível ver as duas áreas selecionadas, suas conexões relacionadas com a mobilidade e as entrevistas realizadas.

**Figura 1: Sistemas de transporte público em São Paulo e locais das entrevistas ICOLMA**



Fonte: dados de GeoSampa (2024), IBGE (2024). Elaboração do mapa por Gabriel Machado (LaPlan UFABC).

O foco deste artigo é detalhar o processo metodológico de desenvolvimento das entrevistas (113 entrevistas realizadas na cidade de São Paulo<sup>2</sup>), justificando a escolha pela aplicação de pressupostos e estratégias que se enquadram no que pode se determinar como uma abordagem feminista de pesquisa, o que impactou a seleção das pesquisadoras entrevistadoras e a forma de aproximação e relação estabelecida com as mulheres entrevistadas.

Ao final, trazemos conclusões preliminares sobre o impacto da pandemia da Covid-19 na mobilidade e modos de vida das mulheres, formuladas a partir da realização de um grupo focal com as pessoas entrevistadoras<sup>3</sup> e de resultados das entrevistas que compõem o banco de dados da pesquisa.

## **PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS NA PESQUISA: UMA PERSPECTIVA FEMINISTA**

O projeto ICOLMA abrange três dimensões de análise nas três regiões das universidades (São Paulo, Cidade do Cabo e Região do Ruhr) e as seguintes atividades: análise de criticidade sobre a infraestrutura; aplicação e análise de questionários/entrevistas que resultaram em mais de

300 respostas; e a análise dos modos de vida de casos ilustrativos com base nas entrevistas, considerando o cenário de cidade pandêmica e pós-pandêmica (Ali, Connoly, Keil, 2022; Andrews *et. al*, 2021).

A perspectiva comparativa da pesquisa utilizada considera a ideia de *Transnational Knowledge Production* tal como feito na pesquisa, com muitas semelhanças com a proposta do projeto ICOLMA, "Everyday urbanisms in the pandemic city: a feminist comparative study of the gendered experiences of Covid-19 in Southern cities" executada e publicada por Nasya Sara Razavi e outras (2023). Com base nessas diferenças e semelhanças, a pesquisa comparada transatlântica do ICOLMA abrange: (i) Contexto, pressupostos e métodos: o contexto socioespacial de cada cidade/país; características da equipe de pesquisa; pressupostos éticos da pesquisa; abordagens de cada equipe (aspectos comuns e diferentes dos grupos entrevistados e suas estratégias); disponibilidade de dados. (ii) Cenário pandêmico e pós-pandêmico (resultados da pesquisa): apoio social à pandemia (governo, sociedade civil, solidariedade); contexto político sensível à pandemia; compressão de tempo-espço; impactos da covid-19 (violência, saúde mental, financeiro, etc.); meios de subsistência; planejamento e cidade pandêmica e pós-pandêmica.

No caso da cidade de São Paulo, a equipe do LaPlan (Laboratório de Planejamento) da UFABC<sup>4</sup> adotou pressupostos e estratégias para as entrevistas realizadas no Centro e em Cidade Tiradentes, no extremo leste da cidade. O primeiro pressuposto envolveu a identificação do grupo de pessoas entrevistadas como mulheres (cis, trans). O segundo pressuposto está focado não apenas no processo investigativo, mas no estabelecimento de parcerias que fortaleçam esses coletivos e sua visibilidade nos territórios, para posteriormente elaborar recomendações de ação para aumentar a resistência desses grupos envolvidos na pesquisa.

Desta forma, a pesquisa no Brasil buscou compreender as histórias e vivências de mulheres no contexto pandêmico, haja vista o reconhecimento de que mulheres, especialmente mulheres negras, com baixa renda e/ou trans foram impactadas de forma diferenciada pela pandemia da Covid-19, conforme apontam diferentes pesquisas. O impacto diverso da Covid-19 em mulheres está relacionado aos papéis socialmente atribuídos a cada gênero, bem como ao acesso a estratégias de prevenção, diagnóstico e tratamento, que também decorrem de questões de raça e classe, para além do gênero (Adeniyi-Ogunyankin, Peake, 2021; Dustin *et. al*, 2021).

De acordo com relatório da Organização das Nações Unidas:

Os efeitos negativos da pandemia são vivenciados de forma mais intensa por mulheres e meninas, haja vista que: Mulheres possuem rendimentos mais baixos, empregos precários, ou vivem próximas da linha da pobreza; Ainda que a mortalidade de mulheres tenha sido menor que a de homens, a saúde das mulheres foi afetada pela realocação de recursos e pela mudança nas prioridades, especialmente no que se refere aos serviços de saúde sexual e reprodutiva; O trabalho de cuidado não remunerado aumentou significativamente, devido ao fechamento das escolas, ao crescimento das demandas de cuidado para pessoas idosas e à sobrecarga dos serviços de saúde; e A violência baseada em gênero tem crescido de forma exponencial, já que

muitas mulheres foram forçadas a permanecer isoladas com seus agressores, enquanto os serviços de denúncia e acolhimento foram sendo interrompidos ou se tornando inacessíveis (Organização das Nações Unidas, 2020, p. 2).

A categoria “mulher” ou “mulheres”, no entanto, não é suficiente para evidenciar as diferentes vivências na pandemia. Fatores como raça, classe, orientação sexual, identidade de gênero também são cruciais:

A Carta de Conjuntura nº 50, publicada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada aponta que em novembro de 2020, a partir de estimativas realizadas com base nos dados da PNAD Covid-19, elaborada pelo IBGE, 7,3 milhões de trabalhadores/as exerciam suas atividades de forma remota no País. O levantamento ainda revelou que o perfil destas pessoas é, em sua maioria, mulheres (57,8%), brancas (65,3%), de nível superior completo (76%), com idade entre 30 e 39 anos (31,8%) e distribuídas entre os setores públicos e de serviços.

Contudo, das trabalhadoras que se designaram como negras ou pardas o percentual é de 34,7%, o que demonstra uma porcentagem bem inferior em relação às trabalhadoras brancas. **Os dados revelam que a grande maioria da população de mulheres negras ou pardas se encontra nas ruas, em circulação, mais expostas ao contágio do novo coronavírus, causador da Covid-19. Outro levantamento desta vez pelo IBGE, mostrou que mulheres, negros/as e pobres são as pessoas mais afetadas pela doença.** (...) Somando-se estes fatores, entre as mulheres negras e pobres, a discriminação e o preconceito ainda são maiores e permeiam todas as camadas sociais, mas se fizerem parte da população LGBTQIA+, e mais especificamente sendo travestis ou mulheres trans, a situação é ainda mais complexa (Veroneze, 2022, p. 317).

Uma vez que a questão de gênero é central para compreensão das consequências da pandemia, na nossa abordagem, uma análise aprofundada sobre os impactos da Covid-19 precisa contemplar uma perspectiva feminista.

As vertentes do pensamento feminista, no entanto, são diversas e múltiplas, sendo necessário situar de qual pensamento feminista partimos. Nossa escolha foi pela adoção de uma análise feminista interseccional (Collins, Bilge, 2020), a partir de um referencial teórico que envolva as múltiplas identidades de gênero (Nascimento, 2021). Isso porque temos a preocupação de não deixar escapar de nossas análises as questões de raça, classe, sexualidade e outros marcadores sociais da diferença, que, somados ao gênero, explicam as diferenças da vivência da pandemia por mulheres.

## **IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS DE UMA PESQUISA FEMINISTA**

A adoção de uma abordagem feminista para a metodologia trouxe implicações relevantes para a condução da pesquisa. Em primeiro lugar, gênero passou a ser uma categoria central de análise dos impactos da pandemia da Covid-19 (Hesse-Biber, 2013). Diferentemente dos demais países parceiros na pesquisa ICOLMA, privilegamos a escuta e compreensão da realidade de mulheres a partir das histórias contadas por elas durante as entrevistas, buscando conferir-lhes o protagonismo de relatar suas próprias experiências.

O olhar para o gênero, no entanto, é insuficiente para dar conta da diversidade de vivências das mulheres, de modo que optamos pelo uso de “abordagens feministas interseccionais (leia-se encarnada e situada) neste contexto latino-americano e brasileiro”, como colocam Tavares e Ramos (Tavares, Ramos, 2023, p. 22) garantindo que raça, classe, orientação sexual também fossem categorias relevantes para desenvolvimento da pesquisa. O olhar interseccional é a ferramenta que optamos por utilizar para “pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cis hétero patriarcado, e as articulações decorrentes daí” (Akotirene, 2018, p. 14).

Em segundo lugar, a trajetória das pesquisadoras entrevistadoras e sua relação com o movimento feminista ganhou especial importância. A condução de uma pesquisa feminista passa necessariamente pelo reconhecimento de que o ponto de vista da pessoa que pesquisa influencia a construção das perguntas a serem investigadas, o referencial teórico utilizado e a relação com as pessoas entrevistadas:

a importância do ponto de vista da/o pesquisador/a, da sua trajetória e da sua experiência, baliza as escolhas, análises e propostas apresentadas: “todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específica” (KILOMBA, 2019, p. 58) (Tavares, Ramos, 2023).

Por fim, partimos do pressuposto de que é necessário romper com a lógica hierárquica construída entre pesquisadoras e sujeitas/os de pesquisa e adotamos estratégias para tanto.

## **QUEM SÃO AS PESQUISADORAS? BUSCANDO PONTES ENTRE O MOVIMENTO FEMINISTA E A ACADEMIA**

Uma vez que reconhecemos a importância da construção de uma pesquisa situada (Haraway, 2009), a trajetória das pesquisadoras para obtenção dos resultados adquire especial relevância. Partimos do pressuposto de que “ao contrário das ideias de neutralidade objetividade que ocultam o olhar do/a pesquisador/a, o situado desmascara que todo conhecimento é elaborado a partir de onde se olha” (Tavares, Ramos, 2023, p. 31). Conforme conceito desenvolvido por Indianara Alves Siqueira compreendemos que toda pesquisadora constrói seu pensamento a partir de seu “ponto de vida” (Naidin, 2018) e que, para a condução da pesquisa que pretendíamos desenvolver, uma trajetória e experiência com o movimento feminista seria essencial.

Assim, para a condução da pesquisa e articulação com o público focal foi estabelecida uma parceria com as Promotoras Legais Populares (PLPs), uma organização feminista autônoma que atua, desde 1981, defendendo os direitos das mulheres (Matsuda e Morais, 2016). O contato se deu por meio de reuniões e encontro na sede da organização e da participação de três integrantes do movimento como bolsistas formalmente vinculadas à pesquisa<sup>5</sup>. O objetivo principal foi não apenas o processo investigativo, mas também enraizar parcerias que fortaleçam esses coletivos e sua visibilidade nos territórios, além de aproximar da pesquisa acadêmica as militantes feministas. De acordo com o depoimento de uma das pesquisadoras entrevistadoras:

“Entrar na academia, para mim, sempre foi um objetivo, mas por questões particulares de saúde, rotina, eu sempre fui deixando esse objetivo pra depois (...) eu acredito que talvez eu não teria outra oportunidade, de adquirir o conhecimento, de ter essa experiência, eu falo que eu tive um ganho muito rico com relação a essa experiência, no sentido de aprendizagem” (fala realizada pela E3).

Aproximar o movimento feminista da academia tinha por objetivo não somente oportunizar a aquisição de conhecimento pelas militantes, mas principalmente reconhecer que é necessário conferir visibilidade a saberes e vozes plurais elaborados a partir da vivência cotidiana da militância feminista, que a construção hegemônica do conhecimento, em geral, costuma desvalorizar. As experiências cotidianas e os conhecimentos adquiridos a partir desse lugar situado (Haraway, 2009, Tavares, Ramos, 2023) possibilitam a construção de um retrato mais abrangente da complexidade dos impactos da pandemia da Covid-19 na vida de mulheres.

O impacto dessa escolha metodológica foi evidente na condução da pesquisa, uma vez que resultou na inserção de temáticas como gênero, raça, classe e orientação sexual como temas centrais. Considerando o caráter internacional (transatlântico) do projeto ICOLMA, somente no Brasil perguntas sobre raça, identidade de gênero, orientação sexual e violência de gênero foram incluídas no questionário aplicado<sup>6</sup>. Conforme exposto por uma das coordenadoras da pesquisa:

Esses temas entraram para a nossa pesquisa porque esse é um grupo majoritariamente de mulheres e também de pessoas LGBTQ+. Nós temos pessoas LGBTQ+ no grupo, certo? E também pessoas pretas. Então, a gente tem um grupo que é sensível à temática que está em questão, que é diferente de se fosse, sei lá, homem, cis, hétero, branco fazendo esse trabalho (...) Não é por acaso que esses temas apareceram, são temas que me atravessam. A minha vida acadêmica, profissional, minhas reflexões não estão separadas do meu corpo, da minha vivência. Então, eu queria saber se com vocês isso é também, se a gente pode afirmar isso, que o desenho da nossa pesquisa, a nossa abordagem, ela está atravessada por essa subjetividade que vem dos nossos corpos e das nossas vivências e das nossas sexualidades (fala realizada pela E2).

E dessa forma, as subjetividades das pesquisadoras e pesquisadores impactou diretamente a realização das entrevistas e a sua condução, bem como a análise dos resultados, que são relatadas a seguir.

## ESTRATÉGIAS FEMINISTAS PARA A APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A partir das pesquisadoras selecionadas e seus enraizamentos, foram desenvolvidas iniciativas com e em organizações e espaços de vivências nos dois territórios pesquisados - o Centro e a Zona Leste de São Paulo, especificamente Cidade Tiradentes -, para a seleção, contato com as entrevistadas e aplicação as entrevistas.

Considerando a abordagem feminista adotada, buscamos o desenvolvimento de estratégias de aproximação que considerassem a distribuição de poder durante o desenvolvimento da pesquisa, assumindo a responsabilidade pelos impactos e proteção dos grupos vulneráveis entrevistados (Razavi *et. al*, 2023, p. 585).

Nosso objetivo está em romper com uma lógica hierárquica existente entre pesquisadoras e sujeitas/os de pesquisa, fazendo com que haja o desenvolvimento da pesquisa considere o bem-estar e as preocupações das participantes, incluindo levar em conta os impactos afetivos ou emocionais da pesquisa sobre todas as pessoas envolvidas (Razavi *et. al*, 2022).

Para tanto, utilizamos as seguintes estratégias de aproximação com as entrevistadas:

1. Aproximação com serviços de atendimento às mulheres, em especial, dois Centros de Defesa e Convivência da Mulher (Casa Anastácia, na Zona Leste, e CDCM Francisca Franco, no Centro) e um Centro Especial de Acolhida para Mulheres (CAE Brigadeiro). A aproximação intermediada por esses serviços garantiu a existência de uma equipe multidisciplinar que poderia oferecer suporte e apoio às mulheres entrevistadas;
2. Utilização do método bola de neve a partir de pessoas com quem uma das entrevistadoras já possuía relações construídas, especialmente por ser residente em um dos territórios pesquisados (Zona Leste):

A estratégia foi a seguinte, algumas pessoas sabem que eu tive uma breve passagem no CDCM, Casa Anastácia. Lá eu desenvolvi algumas redes de apoio, de afeto, desenvolvi várias amizades lá. Aí quando eu conversei com a coordenadora, logo de prontidão ela super aceitou, achou super bacana a ideia e falou assim, nossa, as mulheres vão gostar muito. Para mim, assim, ao mesmo tempo que foi, foi bem tranquilo, no sentido do, por eu estar no meu território, eu não tive nenhuma dificuldade (Entrevistadora E3).

Por essa via, garantimos a existência de uma relação prévia de confiança entre entrevistadas e a pesquisadora, que auxilia na superação da existência de uma hierarquia de poder.

3. Aproximação de mulheres residentes em ocupações, por meio de um contato intermediado por lideranças. Tais ocupações, que já possuíam redes e estratégias de cuidado coletivas implementadas e que, inclusive, foram cruciais para proteção de todas as moradoras durante a pandemia.

Além disso, nossa proposta também foi tentar romper com a lógica de que a pesquisa seria tão somente para gerar dados que seriam analisados e publicados. Pensamos que seria importante construir uma estratégia que aproveitasse esse espaço para uma efetiva troca de conhecimentos entre pesquisadoras e entrevistadas. Nesse ponto, duas iniciativas cabem ser destacadas. A primeira, foi a realização de rodas de conversa que precediam a aplicação das entrevistas em que eram abordados temas relativos à gênero e sexualidade e que que interessavam às mulheres entrevistadas. Conforme pontuado por duas entrevistadoras:

Eu acho que nesses momentos em que houve esses encontros, digamos, formativos, acho que eles foram muito mais proveitosos para trabalhar com esses temas sensíveis da violência contra a mulher [...] abriu muito mais espaço para as pessoas falarem sobre isso e para a questão de gênero também [...] foi fazendo uma formação mesmo, provocando muito as pessoas que estavam lá. Então, essa questão dessa conversa com relação à questão de gênero ficou mais potente (Entrevistadora E4).

A gente teve essa discussão mais geral da questão da violência, diretamente, e aí eu acho que eu percebi uma maior sensibilidade, realmente, depois das entrevistas. Então, em alguns momentos, eu senti que acabava sendo um pouco mais direcionado, mais técnico (Entrevistadora E6).

A segunda, foi a inserção de perguntas que permitiam uma reflexão pelas pesquisadoras e entrevistadas sobre temáticas de gênero, com especial destaque para o questionamento sobre a identidade de gênero e orientação sexual das mulheres:

Eu achei importante ter essas perguntas, porque eu acho que foi um espaço para além da gente entender qual era o nosso público, era também uma forma de você criar, em alguma medida, um espaço de reflexão sobre o que é identidade de gênero, sobre o que é orientação sexual e outras possibilidades de viver para além da norma que é colocada (Entrevistadora E1).

Então isso foi muito forte também quando se muda a forma como se pergunta, que acaba buscando também uma certa memória muito forte de possibilidades ou de quando isso também não era um tabu exigido de performance sobre a sua sexualidade ou coisa nesse sentido (Entrevistador E5)

## **A VIVÊNCIA DE MULHERES NA PANDEMIA: PRIMEIRAS REFLEXÕES**

Elas levavam a vida do jeito que dava, pedindo proteção de acordo com as crenças delas e ia só viver no dia de cada vez (Entrevistadora E3).

Para a obtenção das primeiras reflexões sobre a vivência das mulheres na pandemia, foi realizado um grupo focal com a participação de cinco pessoas responsáveis pela aplicação dos questionários.

A conclusão mais evidente dos relatos apresentados foi a de que a pandemia não alterou significativamente os modos de vida das pessoas entrevistadas, conclusão que pode ser resumida na seguinte frase falada pela entrevistadora E3 “o que eu percebi no geral, que para nós aqui no território não mudou nada”.

De uma maneira geral, a prática do isolamento era algo extremamente distante, em razão da vulnerabilidade social e econômica das mulheres. De acordo com a entrevistadora E3 “100% das (pessoas) que eu entrevistei, ninguém conseguiu fazer o isolamento certinho, por diversos motivos, que não tinham rede de apoio, as que trabalhavam informalmente precisavam se deslocar”.

A bem da verdade, a possibilidade de isolamento foi descrita por parte das mulheres entrevistadas como uma questão de privilégio. Conforme exposto por duas entrevistadoras:

“aqui, praticamente, de todas as mulheres que eu entrevistei, nenhuma falou assim, teve uma que falou assim pra mim, isso pra mim seria um luxo na pandemia” (Entrevistadora E7).

“As pessoas continuaram trabalhando, as pessoas continuaram fazendo o rolê porque é isso, é esse público que a gente tá falando, da mão de obra. É a pessoa que tá ali pegando o serviço, então não tem muito essa coisa, a pessoa que eu trabalho, ela vai pagar para mim ficar em casa.

Mano, não vai. Você vai trabalhar. Você vai fazer o seu rolê. (...) Acho que são vidas que já estão bastante precarizadas, né? E vulnerabilizadas. Então, é quase como se o isolamento social, esse tipo de coisa, não chegasse lá, né? Tipo, as pessoas têm que continuar sobrevivendo (Entrevistadora E8).

Sendo o isolamento um privilégio de classe, para algumas das pesquisadoras, as alterações mais significativas nos modos de vida ocorreram em classes econômicas mais privilegiadas, mas não afetaram as pessoas que entrevistamos de uma maneira mais geral:

Eu acho que interfere daquele pobre mais para uma classe média, sabe? Aquele pobre que já quer dizer que tem trabalhos que possam ser online, que pode ser remoto, que paga as coisas, que usa um pouco mais o particular. Então, para essa população, acho que teve impacto. Para essas mulheres, não (Entrevistadora E7).

Além de não haver uma alteração significativa na vida das mulheres, haja vista a possibilidade de acesso ao auxílio emergencial e a doações, houve relatos de melhora nas suas condições econômicas no período da pandemia. Nos dizeres da coordenadora da pesquisa E2:

E daí vem uma fala que foi recorrente, que eu lembro, que a situação não piorou com a pandemia (...) em alguns casos, inclusive, a situação econômica das mulheres melhorou, em decorrência da concessão do auxílio emergencial e do recebimento de doações.

Ainda assim, muitas das entrevistadoras notaram que a pandemia não criou novas vulnerabilidades, mas agravou aquelas já existentes. Conforme exposto pela entrevistadora E3:

O modo de vida, não mudou nada na pandemia, mudou pouquíssimas coisas. As mulheres que desenvolveram trabalho informal permaneceram desenvolvendo trabalho informal, as que tinham dificuldade em acesso a equipamento de saúde, equipamento público piorou, mas assim, foram coisas que já aconteciam, sabe?

Houve, ainda, uma diferença significativa entre as estratégias adotadas para enfrentamento da pandemia por pessoas que viviam em ocupações - em que já havia uma organização comunitária - e aquelas que viviam sozinhas em suas casas. No ambiente das ocupações, foi possível observar a adoção de estratégias coletivas de proteção, como distribuição de máscaras e obtenção de cestas básicas, que garantiu que as pessoas se mantivessem saudáveis. Tamanha efetividade das estratégias adotadas pode ser vislumbrar nos seguintes relatos:

As comunidades cuidaram das pessoas e as ocupações cuidaram das pessoas. Então, se por um lado, talvez é o que a Aline viu um pouco diferente, as pessoas que viviam isoladas, isoladas eu digo em unidades habitacionais isoladas, nem numa ocupação ou num mutirão, ou talvez numa comunidade mais organizada, elas foram por elas mesmas. A organização dessas ocupações e tal garantiu muita resiliência, tanto que falaram na ocupação que eu fui, aqui não morreu ninguém (Coordenadora da pesquisa E2).

Em outras palavras, em resposta à ausência de uma política pública governamental efetiva de enfrentamento da Covid-19, especialmente em nível federal, a resiliência comunitária prevaleceu e promoveu a adoção de estratégias eficazes de proteção:

Então, acho que tem um componente da pandemia que é muito positivo para indicar o quanto funcionou bem em algumas estruturas precárias que nós temos, e aí tem a ver com o papel político, o quanto a política também, em termos de organização social, de mobilização, funcionou como resiliência. Se teve um lado, um governo federal, um executivo virando às costas, teve esse nível local que se organizou e teve o legislativo que criou as políticas de apoio (Coordenadora da pesquisa E2).

Se por um lado, a decisão política do governo federal foi por negar a gravidade da crise sanitária vivenciada, de outro, espaços que já tinham uma estrutura coletiva de organização comunitária, como as ocupações, se auto-organizaram para garantia da saúde de todas as pessoas: “então, de fato, não afetou tanto, mas no que mudou foi que ficou mais unido” (Entrevistadora E7).

## CONCLUSÃO

O artigo teve por objetivo elucidar o percurso metodológico, bem como as primeiras conclusões do desenvolvimento do projeto ICOLMA, uma parceria entre a Universidade Federal do ABC, no Brasil, a Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul, e a Universidade Técnica de Dortmund, na Alemanha.

Desde o princípio, a escolha adotada pelas pesquisadoras brasileiras foi a de compreender o impacto da pandemia de COVID-19 em mulheres, partindo do pressuposto de que a lente de análise fornecida pelo feminismo interseccional, permitiria compreender que esse grupo foi afetado de forma diferenciada do restante da população.

Ao final, podemos afirmar que a pandemia não gerou grandes mudanças na vida de mulheres que já se encontravam em situação de vulnerabilidade, mas agravaram violações de direito pré-existent. A resposta ao cenário enfrentado foi a adoção, especialmente nas ocupações, de estratégias coletivas de proteção, bastante pautadas por uma lógica feminista de cuidado.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processos FAPESP: 2021/07554-8 e 2022/08402-0 e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), Bolsa Mestrado CAPES DS 2023 e 2024.

## REFERÊNCIAS

ADENIYI-OGUNYANKIN, Grace; PEAKE, Linda. Understanding the Importance of a Gendered Analysis of COVID-19. In: [ANDREWS, Gavin; CROOKS, Valorie; PEARCE, Jamie; MESSINA, Jane. **COVID-19 and similar futures: Geographical perspectives, issues, and agendas**]. Springer Press, 2021, p. 341-347.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. São Paulo: Letramento, 2018.

ALI, Harris; CONNOLLY, Creighton; KEIL, Roger. Introduction: Emerging infections disease and the "Urban" Condition. *In*: [**Pandemic Urbanism**]. Polity Press, 2022, p. 1-19.

ALI, Harris; CONNOLLY, Creighton; KEIL, Roger. **Pandemic Urbanism: infectious Diseases on Planet of Cities**. Polity Press, 2022.

ANDREWS, Gavin; CROOKS, Valorie; PEARCE, Jamie; MESSINA, Jane. **COVID-19 and similar futures: Geographical perspectives, issues, and agendas**. Springer Press, 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DUSTIN, T. Duncan; SINGHAM, Alicia T.; OMPAD, Danielle C.; GOODMAN, Melody S. Race, Ethnicity, and COVID-19: The Persistence of Black–White Disparities in the United States. *In*: [ANDREWS, Gavin; CROOKS, Valorie; PEARCE, Jamie; MESSINA, Jane. **COVID-19 and similar futures: Geographical perspectives, issues, and agendas**]. Springer Press, 2021, p. 331-340.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7–41, 2009.

HESSE-BIBER, Sharlene Nagy; LEAVY, Patricia Lina. **Feminist Research Practice**. SAGE Publications, Inc., 2013.

HESSE-BIBER, Sharlene Nagy. A Re-Invitation to Feminist Research *In* HESSE-BIBER, Sharlene Nagy; LEAVY, Patricia Lina. **Feminist Research Practice**. SAGE Publications, Inc., 2013.

MATSUDA, Fernanda Emy; MORAIS, Marília Kayano. **Guia Promotoras Legais Populares**. São Paulo: União de Mulheres do Município de São Paulo, 2019.

NAIDIN, Julia. Entrevista com Indianara Siqueira: por Julia Naidin. **Revista Latinoamericana del Colegio Internacional de Filosofía**. Vol. 3, p. 131-146, 2018.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Policy brief: the impact of COVID-19 on Women**. Genebra: ONU, 2020.

RAKODI, Carole; LLOYD-JONES, Toni. **Urban Livelihoods: A People-centred Approach to Reducing Poverty**. Londres, Earthscan Publications Ltd., 2002.

RAZAVI, Nasya; ADENIYI-OGUNYANKIN, Grace; BASU, Swagata; DATTA, Anindita; DE SOUZA, Karen; IP, Penn Tsz Ting; KOLETH, Elsa; MARCUS, Joy; MIRAFATAB, Faranak; MULLINGS, Beverley; NMORMAH, Sylvester; ODUNOLA, Bukola; BURGOA, Sonia Pardo; PEAKE, Linda. Everyday urbanisms in the pandemic city: a feminist comparative study of the

gendered experiences of Covid-19 in Southern cities. **Social & Cultural Geography**, 2022, p. 1–18.

ROBINSON, Jennifer. Comparative Urbanism: New Geographies and Cultures of Theorizing the Urban. **International Journal of Urban and Regional Research**. Urban Research Publications Limited, Vol. 40, n. 1, p. 187–199, 2016.

SANTOS, Vívian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**. Vol. 30, p. e200112, 2018.

TAVARES, Rossana Brandão; RAMOS, Diana Helene. Indisciplina Epistemológica: Viradas metodológicas para o campo da Arquitetura e Urbanismo. **Indisciplinar, [S. l.]**, v. 7, n. 2, p. 232–277, 2021.

VERONEZE, Renato Tadeu. Vulnerabilidades das travestis e das mulheres trans no contexto pandêmico. **Revista Katálisis**, v. 25, n. 2, p. 316–325, 2022.

---

<sup>1</sup> Trata-se de um projeto de pesquisa da plataforma T-AP. "The Trans-Atlantic Platform for Social Sciences and Humanities (T-AP) is an unprecedented collaboration between humanities and social science research funders from South America, North America, Europe and Africa. T-AP aims to enhance the ability of funders, research organizations and researchers to engage in transnational dialogue and collaboration." <https://www.transatlanticplatform.com/>. No caso brasileiro a chamada em que o Projeto Icolma foi aprovado está sendo financiada pela FAPESP (<https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/109751/impacto-da-covid-19-no-modo-de-vida-mobilidade-e-acessibilidade-dos-grupos-marginalizados-icolma/>, número do processo 2021/07554-8 - T-AP - Projeto de Pesquisa - Regular).

<sup>2</sup> Processo Plataforma Brasil nº 68244623.1.0000.5594.

<sup>3</sup> O grupo focal foi conduzido por Letícia Ueda Vella (identificada no artigo como E1) e contou com a participação da coordenadora da pesquisa, Sandra Momm (identificada como E2), e das/os pesquisadoras/es entrevistadoras/es, Aline Bezerra Silva (identificada como E3), Lyvia Nascimento Cirqueira Fischer (identificada como E4), Gabriel Machado Araujo (identificado como E5), Bruna Brauer Braga (identificada como E6) e Claudilene Inês de Araujo e Silva (identificada como E7). A pesquisadora entrevistadora Luciana Busquets Fernandes da Silva (identificada como E8) foi entrevistada separadamente, de forma virtual.

<sup>4</sup> Mais informações sobre o Laplan estão disponíveis em: <https://laplan.pesquisa.ufabc.edu.br>. Acesso em 21.11.2024.

<sup>5</sup> As entrevistadoras/pesquisadoras foram contratadas como Bolsistas TT-3 da FAPESP.

<sup>6</sup> Em discussão com as outras equipes, perguntas sobre a identidade das pessoas entrevistadas, na África do Sul e na Alemanha, foram consideradas como temas sensíveis. No entanto essa temática leva a um problema falta de dados relatado por Duncan Dustin e outrxs (2021) no capítulo "The Persistence of Black–White Disparities in the United States" no livro "COVID-19 and Similar Futures: Geographical perspectives, issues, and agendas."